

Narrativas Infantis Terena: Representações da Infância em Comunidades Indígenas e seus Territórios

Anaís Salvador Rodrigues
UFMS/CPAQ
anais.rodrigues@ufms.br

Mayume Barros Tibério
UFMS/CPAQ
mayume.barros@ufms.br

Janaina Nogueira Maia Carvalho
UFMS/CPAQ
janaina.maia@ufms.br

GT 3. Criança/infância indígena e as estratégias de resistência

Resumo

Este trabalho tem como objetivo investigar de que forma as crianças indígenas Terena, das aldeias Limão Verde e Mãe Terra, situadas nos municípios de Aquidauana e Miranda (MS), constroem e experienciam a infância em seus contextos socioculturais. Fundamentada na perspectiva da Sociologia da Infância, que entende a infância como uma construção social e histórica e reconhece as crianças como sujeitos ativos. A pesquisa busca compreender como essas vivências são influenciadas por elementos culturais, ambientais e comunitários próprios do povo Terena. Por meio da escuta das narrativas infantis e da observação das práticas cotidianas, pretende-se dar visibilidade às infâncias indígenas, frequentemente silenciadas nos discursos acadêmicos e sociais. Os resultados esperados indicam a valorização dos saberes ancestrais, das relações com a natureza e do papel da coletividade na formação das identidades infantis Terena.

Palavras-chave: infância indígena; povo Terena; Sociologia da Infância; Território; saberes tradicionais.

Introdução

Ao longo de um extenso período da história, especialmente da Idade Média até o início da Idade Moderna, a infância não era reconhecida como uma etapa distinta da vida. As crianças eram frequentemente vistas como “adultos em miniatura”, inseridas precocemente no universo adulto e, a partir dos sete anos de idade, participavam das

mesmas atividades e responsabilidades (Ariès, 1981). Essa concepção passou a ser amplamente questionada com o surgimento da Sociologia da Infância, campo que entende a infância não como uma fase natural, homogênea e universal, mas como uma construção social, histórica e cultural. Nessa perspectiva, as crianças são reconhecidas como sujeitos sociais ativos, capazes de produzir saberes, interpretar o mundo ao seu redor e interagir de maneira significativa com o meio em que vivem.

É nesse contexto que se insere o presente estudo, cujo objetivo é investigar como as crianças indígenas Terena, das aldeias Limão Verde e Mãe Terra, localizadas nos municípios de Aquidauana e Miranda (MS), constroem e experienciam a infância em seus territórios. Parte-se do pressuposto de que a infância não é vivida de forma uniforme, mas é marcada por elementos culturais, ambientais, históricos e sociais específicos de cada povo.

A pesquisa mostra-se relevante por dar visibilidade às vozes das crianças indígenas, historicamente silenciadas ou reduzidas à condição de sujeitos passivos. Ao considerar suas narrativas e práticas cotidianas, busca-se compreender a infância sob a ótica Terena, na qual se destacam a relação com a natureza, a centralidade da família e da comunidade, bem como a transmissão de saberes ancestrais. O objetivo central consiste em analisar essas vivências e discursos infantis para compreender como a infância é experienciada, construída e significada no contexto dessas comunidades.

Para oferecer uma visão abrangente do campo investigado, este artigo apresenta, inicialmente, um breve histórico sobre as comunidades em que vivem as crianças, seguido de um panorama dos estudos sobre a infância ao longo do tempo. Em seguida, são discutidas as narrativas infantis, que revelam a importância da coletividade, da memória cultural e do vínculo com o território na formação das identidades Terena.

HISTÓRIA DA ALDEIA INDÍGENA MÃE TERRA: história, resistência e luta

A Aldeia Mãe Terra localiza-se no município de Miranda, Mato Grosso do Sul, a aproximadamente 207 km de Campo Grande. Pertencente ao povo Terena, a comunidade integra o território indígena Cachoeirinha e atualmente reúne cerca de 110 famílias. Sua trajetória é marcada por processos de resistência, retomada e reafirmação identitária, sustentados pelas narrativas orais de anciãs e lideranças tradicionais, que atuam como guardiãs da memória coletiva.

O surgimento da aldeia está diretamente relacionado à intensificação dos conflitos fundiários na região, resultantes da pressão do agronegócio e da histórica invasão das terras indígenas por fazendeiros. Com o crescimento populacional e a consequente escassez de áreas destinadas ao cultivo tradicional e à construção de moradias, as famílias Terena mobilizaram-se em defesa de seus territórios originários. Tais ações integram um movimento mais amplo, conhecido como **retomadas indígenas**, caracterizado pela ocupação de terras ancestralmente pertencentes aos povos originários, mas expropriadas ao longo dos séculos por processos coloniais e expansionistas (OLIVEIRA, 2016).

No caso da Mãe Terra, após anos de articulação interna entre as lideranças e famílias da Terra Indígena Cachoeirinha, em 28 de novembro de 2005, homens, mulheres, crianças e idosos Terena ocuparam uma fazenda da região, dando início à retomada de um território ancestral. Esse ato representa não apenas a reconquista de um espaço físico, mas também a restauração de vínculos culturais, sociais e espirituais com a terra, entendida na cosmologia indígena como um ser vivo, fonte de vida e continuidade.

O nome “Mãe Terra” foi escolhido com forte protagonismo das mulheres indígenas envolvidas na retomada. Mais que uma designação simbólica, a escolha expressa uma visão de mundo enraizada na relação sagrada com a terra. Para os Terena, assim como para diversos outros povos indígenas, a terra não é concebida como mercadoria ou recurso, mas como uma mãe que nutre, protege e dá sentido à existência. Nas palavras da liderança Darcy, protagonista da retomada: *“A terra para nós é importante. Ela significa vida. Significa tudo e é nossa mãe, porque precisamos dela para tudo, e por isso Mãe Terra.”*

Essa compreensão dialoga com estudos de Kopenawa e Albert (2015), que ressaltam a centralidade da terra na manutenção das práticas culturais, espirituais e de resistência dos povos originários. Ademais, a oralidade, enquanto forma legítima de transmissão de saberes, histórias e memórias, ocupa papel fundamental nesse processo, funcionando como tecnologia ancestral de preservação do conhecimento (BANIWA, 2006).

Assim, a história da Aldeia Mãe Terra transcende os limites de uma narrativa local e insere-se no cenário mais amplo da luta dos povos indígenas brasileiros por reconhecimento, território e dignidade. Por meio da retomada, a comunidade reafirma sua autonomia, resgata modos de vida tradicionais e reivindica o direito de existir segundo seus próprios valores, tempos e saberes.

HISTÓRIA DA ALDEIA INDÍGENA LIMÃO VERDE: patrimônio, família e território

Localizada a aproximadamente 24 km do município de Aquidauana, Mato Grosso do Sul, a Aldeia Limão Verde constitui uma das mais antigas e importantes comunidades do povo Terena. Atualmente, é habitada por cerca de 1.257 pessoas, distribuídas em 306 famílias. Sua trajetória é marcada pela resistência frente aos processos históricos de expropriação territorial e pelo esforço contínuo de preservação da identidade cultural, linguística e comunitária.

A fundação formal da aldeia remonta a 1928, por meio do Decreto nº 795/1928, quando parte das terras foi incorporada ao patrimônio público do município de Aquidauana, sem garantir aos indígenas que já ocupavam a região a posse plena e legal do território. Apesar da ausência de registros oficiais sobre a chegada dos primeiros Terena, há evidências, reforçadas pelas memórias orais das lideranças, de que o povo já ocupava a área tradicionalmente muito antes da formalização administrativa. A regularização fundiária da aldeia, reconhecida oficialmente como Terra Indígena, ocorreu apenas em 1988, mais de meio século após a sua fundação.

O processo tardio de demarcação das terras indígenas, como no caso de Limão Verde, reflete uma política histórica de negação dos direitos territoriais dos povos originários no Brasil, cujas consequências ainda se manifestam em conflitos fundiários, insegurança jurídica e ameaças à reprodução cultural desses grupos (OLIVEIRA, 2016; RAMOS, 1998). Nesse contexto, a luta pelo território não se restringe à posse física da terra, mas está diretamente vinculada à manutenção do modo de vida tradicional, à valorização dos saberes ancestrais e à transmissão da língua e da cultura às novas gerações (GRUPIONI, 2016).

A aldeia caracteriza-se por uma organização familiar em que cada núcleo dispõe de uma área própria. À medida que filhos e netos crescem, novas casas são construídas nas proximidades, fortalecendo os laços comunitários e a coesão social. Essa forma de ocupação territorial evidencia a importância da terra não apenas como espaço físico, mas como elemento estruturante das relações sociais e culturais do povo Terena.

A preservação da língua Terena é outro marco significativo da comunidade, funcionando como instrumento de resistência simbólica diante dos processos de assimilação cultural e apagamento histórico. Conforme observa Baniwa (2006), a língua

é um dos principais vetores de transmissão do pensamento indígena, sendo fundamental para o fortalecimento da identidade coletiva.

Dessa forma, a Aldeia Limão Verde representa um exemplo concreto da capacidade de organização, resistência e resiliência dos povos indígenas frente aos desafios históricos e contemporâneos. A manutenção de seus territórios, práticas culturais e modos de vida tradicionais demonstra que o fortalecimento das comunidades indígenas depende do reconhecimento de seus direitos territoriais e da valorização de suas formas próprias de existência e conhecimento.

CRIANÇA E INFÂNCIA NO CONTEXTO DA SOCIOLOGIA DA INFÂNCIA: conceitos, saberes e socialização

Ao abordar a pesquisa com crianças indígenas, este estudo se ancora nos pressupostos teóricos da Sociologia da Infância, campo que rompe com a concepção tradicional da infância como etapa meramente preparatória para a vida adulta, propondo a centralidade das crianças como sujeitos sociais. A partir de autores como Corsaro (2011), Sarmento (2004, 2006), Prout e James (1997) e Maia (2020), entende-se que a infância deve ser analisada como uma construção social, histórica e cultural, múltipla e situada, ou seja, vivida de formas distintas conforme o contexto em que se insere.

A Sociologia da Infância surge como uma resposta crítica às abordagens normativas e adultocêntricas que, historicamente, reduziram as crianças a objetos passivos de socialização. Corsaro (1997) argumenta que as crianças são agentes sociais ativos que, por meio da interação com seus pares e com adultos, produzem significados sobre o mundo e constroem suas próprias culturas. Assim, a infância tem a possibilidade de ser compreendida apenas como preparação para a vida adulta, mas como uma fase plena, com valor e sentido em si mesma, em que as crianças participam, interpretam e transformam os contextos em que vivem.

Sarmento (2004) reforça essa perspectiva ao destacar que as crianças produzem significações próprias, organizadas em sistemas simbólicos específicos, ainda que heterogêneos e dinâmicos. Para o autor, a noção de “cultura infantil” refere-se à capacidade das crianças de criar formas próprias de representação, linguagem e simbolização do mundo, distintas daquelas dos adultos. Como ele afirma: “*as crianças são atores sociais em seus mundos e nos seus modos de vida, e a infância, uma categoria social e socialmente construída*” (SARMENTO, 2004, p. 21).

Essa compreensão é particularmente relevante no contexto das infâncias indígenas, como é o caso das crianças Terena, que vivenciam sua infância em diálogo com valores, práticas, territórios e saberes ancestrais. Conforme Maia (2020), são sujeitos que, além de participarem ativamente de suas culturas, contribuem para sua preservação, renovação e continuidade.

Como argumenta Corsaro (1997, p. 5), “*as crianças são agentes ativos que constroem suas próprias culturas e contribuem para a produção do mundo adulto, bem como a infância é parte da sociedade*”. Portanto, ao estudar as infâncias indígenas, é fundamental observar, ouvir e analisar suas experiências, narrativas e práticas, reconhecendo que a compreensão da sociedade passa também pela compreensão das formas como as crianças constroem sentidos sobre o mundo e participam ativamente dele.

TERRITÓRIO, BRINCADEIRA E MEMÓRIA: vozes das crianças Terena

Compreender as experiências e vivências das crianças Terena requer uma escuta sensível às suas vozes, memórias e modos de brincar. A escuta ativa dessas crianças é fundamental para reconhecer suas infâncias como territórios de saberes, práticas e produções culturais próprias, rompendo com a lógica adultocêntrica predominante nas narrativas acadêmicas e nas políticas educacionais (SARMENTO, 2004; ABRAMOWICZ; SILVA, 2006).

Nesse contexto, a pesquisa realizou rodas de conversa e registros etnográficos com crianças das comunidades indígenas Mãe Terra e Limão Verde, com o objetivo de dar visibilidade às suas narrativas e valorizar suas formas de expressão e de relação com o território. Durante uma das rodas de conversa, realizada em 5 de agosto de 2025, com cinco crianças da Aldeia Limão Verde reunidas à sombra de uma árvore no pátio da escola, emergiram relatos que articulam memória, brincadeira e identidade cultural. As crianças, com idades entre seis e nove anos, compartilharam lembranças afetivas, práticas cotidianas e formas de interação com o meio ambiente e a coletividade. Suas falas evidenciam uma infância vivida de maneira singular, profundamente enraizada no território e nas práticas tradicionais do povo Terena.

Figura 1- Roda de Conversa - Aldeia Limão Verde



Fonte: Arquivo pessoal

Entre as narrativas, destacou-se o apreço pelas brincadeiras ao ar livre e pela interação com a natureza, evidenciando uma forte conexão com os elementos do território, como árvores, morros e córregos. Uma das crianças expressou: “*o que eu mais gosto é brincar lá fora, correr, ver as árvores, e o morro que a gente sempre olha*”, revelando um olhar sensível para o ambiente natural e a paisagem da aldeia. Outra criança afirmou: “*ser criança Terena na minha aldeia é ser feliz*”, indicando um sentimento de pertencimento e valorização da cultura local.

As brincadeiras mencionadas incluíram esconde-esconde, amarelinha, futebol, carrinho, andar de bicicleta, pega-pega, cola-pau, além de assistir a desenhos no celular. A coexistência de práticas tradicionais com elementos da cultura midiática contemporânea evidencia a presença da tecnologia nas aldeias e a forma como ela tem sido apropriada pelas novas gerações. Esse fenômeno sinaliza transformações nas formas de viver a infância, sem, contudo, implicar no abandono das experiências comunitárias ou da relação com a natureza (KRAMER, 2006).

Figura 2 - Brincadeira – Aldeia Limão Verde



Fonte: Arquivo pessoal

Mesmo com o avanço tecnológico, as crianças demonstram forte vínculo com as relações interpessoais e com o meio ambiente. Brincar com os amigos, tomar banho no córrego e cuidar dos animais continuam sendo práticas cotidianas valorizadas por elas. Em suas falas, destacam a importância de não maltratar os bichos, cuidar da natureza e proteger os córregos, evidenciando uma consciência ecológica que reflete os valores da comunidade Terena (COUTO, 2018). Tais atitudes mostram que, para além das brincadeiras, as crianças participam ativamente da construção do ethos comunitário, desempenhando um papel formativo na preservação da identidade cultural.

Essas narrativas reforçam a noção de que as crianças indígenas são agentes de conhecimento e guardiãs de memórias coletivas. Seus modos de habitar e experienciar o território estão impregnados de significados que transcendem o lúdico, contribuindo para a produção de saberes locais e para a continuidade da cultura (FONSECA, 2012). Ao valorizar a escuta das crianças Terena, reconhece-se suas infâncias como territórios de aprendizagem, resistência e criação, reafirmando o papel central da cultura e do território na constituição das identidades infantis indígenas.

Dando continuidade à investigação, esta etapa da pesquisa foi realizada em 12 de agosto de 2025 com crianças da Aldeia Mãe Terra. A escuta das crianças nesta fase teve como objetivo aprofundar a compreensão sobre a relação entre memória, território, cultura e brincadeira. Por meio de rodas de conversa descontraídas, as crianças compartilharam lembranças, sentimentos de pertencimento e percepções sobre seu cotidiano, revelando formas singulares de vivenciar a infância no contexto indígena.

Figura 3 - Diálogo – Aldeia Mãe Terra



Fonte: Arquivo pessoal

As crianças, com idades entre seis e dez anos, relataram suas experiências por meio de narrativas espontâneas, permeadas por afetividade e pertencimento ao território. Uma fala que se destaca é a de Augusto: “*Quando a gente chegou aqui a gente trouxe alegria pra terra. A gente fez casa, a gente plantou árvores, a gente cuidou da terra... Eu gosto dessa parte*”. Esse relato ilustra a forte conexão simbólica e prática com o território, compreendido não apenas como espaço físico, mas como espaço vivido, constituído pelas relações sociais, afetivas e culturais (SANTOS, 1996).

Outras crianças compartilharam memórias familiares relacionadas ao processo de instalação da aldeia. José narrou: “*Mamãe conta que as crianças dormiam na rede e era bem escuro e eles acordados cuidando das crianças. Diz que a primeira noite foi difícil porque tinham medo dos purutuye¹ vir*”. A rememoração dos medos e dificuldades enfrentadas evidencia como a infância indígena também é atravessada por contextos históricos e sociais de resistência e reorganização territorial (BRANDÃO, 2007).

Durante as conversas, emergiram aprendizagens ligadas à valorização da cultura e das tradições do povo Terena. Pedro destacou: “*A gente aprende que nossa cultura é importante, que a gente precisa preservar... as nossas danças são importantes, comidas, canto, brincadeiras*”. Esse reconhecimento da cultura como fonte de identidade está em consonância com os pressupostos da educação escolar indígena, que deve promover a valorização das línguas, saberes e práticas tradicionais (BRASIL, 2005).

As brincadeiras mencionadas, como jogar bola², roubar bandeirinha, esconde-esconde, pega-pega, cobra-cega, pular corda, subir em árvores e andar pela floresta, reforçam a centralidade do brincar como forma de expressão cultural, aprendizagem e sociabilidade. Augusto afirmou: “*Gosto da roça do meu vô, lá tem muita coisa e eu ajudo ele a enterrar sementes. Gosto quando tem milho*”, demonstrando como brincar e aprender se articulam de maneira indissociável na experiência infantil indígena, frequentemente em espaços intergeracionais, como a roça e o convívio com os anciões (ROSA, 2010).

Outro ponto recorrente nas falas foi a valorização das danças tradicionais, da produção de cerâmica, da culinária e do cuidado com os animais. José afirmou: “*A gente aprende que a terra é importante. É boa pra brincar também, plantar, construir nossas casas, cuidar dos animais porque a terra também é deles*”. Tais narrativas reforçam uma

¹ Na língua Terena, significa: Pessoas Brancas – não indígena.

² <https://drive.google.com/drive/folders/1q1q2bldPnvD6KesmJe5t0LrXJTnqzDXY>

compreensão ampliada de território, que inclui não apenas os seres humanos, mas também os animais, as plantas e os elementos naturais como parte da coletividade (ROSA, 2010).

Ao serem questionadas sobre o que significa ser uma criança Terena, as respostas evidenciaram a centralidade do brincar na infância. Augusto disse: “*Ser criança Terena é brincar muito. Adulato trabalha o dia inteiro e deve ser chato não brincar*”, enquanto Iara trouxe um olhar sensível para a diversidade cultural: “*A cultura da minha amiga é diferente da nossa... Nossa dança não é igual, mas também é bonita... A gente brinca juntas quando a gente se encontra*”. Essa fala evidencia o reconhecimento da diferença como possibilidade de convivência e respeito mútuo, um elemento fundamental nas relações interculturais (CANDAU, 2008).

Figura 4 - Dança das Crianças – Aldeia Mãe Terra



Fonte: Arquivo pessoal

Ao final do encontro, as crianças retomaram as brincadeiras favoritas — como pega-pega, jogar bola e pular corda — e também compartilharam suas preferências alimentares. Augusto afirmou: “*Eu gosto de carne de porco. Eu não gosto de carne de vaca não. Eu também gosto de anta e tatu. Ah, e mandioca. Quase esqueci. Esses são meus preferidos*”. Nesse contexto, o alimento aparece não apenas como item de subsistência, mas também como expressão da cultura e da memória familiar.

Dessa forma, as narrativas das crianças Terena da Aldeia Mãe Terra reiteram a importância da escuta como ferramenta metodológica e política na pesquisa com infâncias indígenas. Por meio de suas falas, as crianças revelam sua agência, sua ligação com o território e a maneira como constroem sentidos sobre identidade, cultura e cotidiano. A infância indígena, portanto, deve ser compreendida em sua complexidade, como espaço de produção de saberes, afetos e pertencimento (OLIVEIRA, 2015).

PARA PENSAR AS NARRATIVAS DAS CRIANÇAS TERENA: Conclusão

As narrativas das crianças Terena das aldeias Limão Verde e Mãe Terra evidenciam a potência das infâncias indígenas como produtoras de sentidos, saberes e pertencimento. Ao compartilharem memórias, brincadeiras, vivências cotidianas e percepções sobre o território, essas crianças nos convidam a repensar a infância para além das perspectivas universalizantes e adultocêntricas, situando-a em contextos socioculturais específicos, profundamente marcados por ancestralidade, coletividade e vínculo com a terra.

A análise das experiências infantis nas duas aldeias demonstra que a escuta das crianças indígenas emerge como instrumento metodológico e político, capaz de romper com silenciamentos históricos e reconhecer as crianças como sujeitos de direitos, capazes de interpretar, narrar e transformar o mundo que habitam. Brincar, cuidar, dançar, plantar, narrar e resistir são práticas que integram a vida das crianças Terena e expressam a complexidade de suas experiências, entrelaçadas com os saberes tradicionais, com a memória coletiva e com os desafios da contemporaneidade.

Nesse sentido, o território não se apresenta apenas como um espaço geográfico, mas como um espaço vivido, relacional e simbólico, onde se constroem identidades e se fortalecem vínculos culturais. A infância, por sua vez, não deve ser compreendida como um estágio homogêneo ou neutro, mas como uma condição social e histórica, atravessada pelas culturas, pelos saberes locais e pelas lutas por reconhecimento.

Concluímos, portanto, que ao dar voz às crianças Terena, não apenas visibilizamos suas infâncias, mas também reafirmamos a importância de construir pesquisas e práticas pedagógicas comprometidas com a valorização da diversidade, com o respeito aos povos originários e com a escuta sensível de suas múltiplas formas de existir, brincar e aprender. Dessa forma, os saberes, memórias e práticas das crianças emergem como elementos centrais para a compreensão e valorização da infância indígena, fortalecendo a relação entre território, cultura e aprendizagem.

REFERÊNCIAS

ABRAMOWICZ, A.; SILVA, A. T. **Infâncias e educação**: outros jeitos de ser criança. Campinas: Autores Associados, 2006.

ARIÈS, P. **História Social da criança e da família**. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BANIWA, Gersem dos Santos Luciano. **O saber tradicional indígena**: epistemologia, ciência e educação. Revista Brasileira de Educação, n. 33, 2006.

BRANDÃO, C. R. **O que é educação popular**. São Paulo: Brasiliense, 2007.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Indígena na Educação Básica**. MEC/SEF, 2005.

CANDAU, V. M. F. **Educação intercultural**: mediações necessárias. In: Educação e diversidade cultural. Petrópolis: Vozes, 2008.

CORSARO, William A. **The Sociology of Childhood**. Thousand Oaks: Pine Forge Press, 1997.

COUTO, M. I. **Saberes indígenas e educação escolar**: caminhos de resistência e construção do conhecimento. Revista Brasileira de Educação, 23, 2018.

GRUPIONI, L. D. B. **Terra e cultura indígena**: a importância dos territórios tradicionais na reprodução dos modos de vida indígenas. In: Povos Indígenas no Brasil 2011/2016. São Paulo: Instituto Socioambiental (ISA), 2016.

KRAMER, S. **Cultura da infância e educação**: diálogos com a arte e a literatura. São Paulo: Ática, 2006.

MAIA CARVALHO, J. N. **Culturas infantis: as crianças pantaneiras como protagonistas de suas histórias no contexto escolar**. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Católica Dom Bosco – UCDB, Campo Grande, 2020.

OLIVEIRA, J. P. de. **O nascimento do Brasil e outros ensaios**: Povos indígenas e formação nacional. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2016.

OLIVEIRA, R. C. **A criança indígena e a educação escolar**: olhares interculturais. Revista Brasileira de Educação, 20(61), 369-389, 2015.

PROUT, A.; JAMES, A. **Construing and Reconstructing Childhood**: Contemporary Issues in the Sociological Study of Childhood. London: Falmer Press, 1997.

RIOS, A. **Infâncias indígenas e suas culturas**: um estudo sobre crianças Guarani. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

ROSA, M. I. P. **Infância e cultura indígena**: as brincadeiras entre os Kaingang. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

SARMENTO, M. J. **As culturas infantis na contemporaneidade**. Revista Educação & Sociedade, Campinas, n. 85, p. 17-28, 2004.

SANTOS, M. **A natureza do espaço**. São Paulo: Hucitec, 1996.